
CNA condena Governo

por Carlos Santos Neves, RTP actualizado às 11:54 - 26 Março '09

Agricultores rumam a Lisboa contra "propaganda"

publicado 08:40 26 Março '09



A CNA acusa Jaime Silva de "fazer propaganda em torno dos milhões alegadamente pagos aos agricultores em 2008" Olivier Hoslet, EPA

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) espera reunir hoje milhares de agricultores no centro de Lisboa para fazer chegar ao Governo um conjunto de reivindicações e chumbar nas ruas o desempenho de Jaime Silva. O ministro da Agricultura é acusado de ter feito "publicidade enganosa" ao afirmar que "nunca os agricultores receberam tanto dinheiro".

"O senhor ministro da Agricultura e o Governo misturam, de facto, os números nessas cifras, nessas verbas de que falam frequentemente, misturam alhos com bugalhos e fogem à verdade como o diabo foge da cruz". A avaliação, deixada à Antena 1 pelo presidente da CNA, João Dinis, é o ponto de partida para a acção de protesto desta quinta-feira, que deverá levar cinco mil agricultores a ocupar três locais no coração de Lisboa: o Parque Eduardo VII, a Assembleia da República e a residência oficial do primeiro-ministro, em São Bento.

Com a manifestação, a CNA quer deixar patente a indignação do sector perante as recentes declarações do ministro Jaime Silva, para quem "a crise internacional em 2008 não chegou à agricultura". Na mira dos agricultores está não só a verba de 1.500 milhões de euros que a tutela garante ter sido atribuída ao sector em 2008, como também a linha de crédito de 175 milhões que Jaime Silva diz destinar-se a "todos os agricultores".

As verbas aventadas pelo Ministério da Agricultura, disse João Dinis, constituem "publicidade enganosa, paga pelo erário público, para o Governo fazer propaganda em torno dos milhões alegadamente pagos aos agricultores em 2008".

Contribuições para a Segurança Social em causa

Em declarações à Agência Lusa, o dirigente da CNA Roberto Miléu adiantou que "cerca de mil agricultores já desistiram de pagar" as contribuições para a

Segurança Social, que ascendem a cerca de 400 euros a cada mês para um casal, a expensas do respectivo rendimento.

A CNA defende uma reformulação do regime contributivo para a agricultura familiar. Exige, por outro lado, que o Governo decrete a isenção de contribuições na vigência da crise para os agricultores em dificuldades.

Entre as reivindicações da Confederação estão a revisão do Programa de Desenvolvimento Rural (Proder) e a implementação de medidas de urgência que permanecem por regulamentar. O aumento do subsídio para o gasóleo e a recuperação dos apoios para a electricidade consumida no trabalho agrícola são outras das exigências da CNA.

"A subida dos preços dos factores de produção e a queda dos preços pagos ao produtor", explicou Roberto Miléu, estão na origem das dificuldades vividas pelo sector.

Ministro "não compreende"

Na véspera da acção de protesto, Jaime Silva insistia na ideia de que a crise poupou a agricultura em 2008. O governante acusa a CNA de fazer reivindicações que "não fazem sentido, porque já estão no terreno".

"A Confederação pede uma linha de crédito que já foi decidida pelo Governo a 13 de Dezembro", sustentava ontem o ministro da Agricultura, após a cerimónia de instalação da Comissão Distrital de Defesa da Floresta em Beja.

"O Governo tem uma linha de crédito de 175 milhões de euros para todos os agricultores", referiu Jaime Silva, acrescentando que aquele mecanismo "está operacional", embora tenha ainda de ser "assinado pelo Governo e publicado na próxima semana".

Segundo o ministro, a linha de crédito vai permitir "dar a cada agricultor, individualmente, um apoio de 7.500 euros durante três anos".

"Compreendo que haja alguma apreensão em alguns sectores da agricultura. Não compreendo que a Confederação Nacional da Agricultura diga que em 2008, que foi o ano em que se recebeu mais, os agricultores receberam 1.500 milhões de euros e fique zangada com isso", sublinhou Jaime Silva. Para logo propugnar que "o rendimento dos agricultores portugueses em 2008 subiu aproximadamente quatro por cento", ao passo que, para os demais agricultores europeus, o rendimento "baixou quase cinco por cento".